

A Pesquisa em Comunicação e Saúde no Brasil: Abordagens Preliminares¹

Kátia Lerner²

Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

Esta comunicação tem como objetivo discutir os resultados preliminares de um levantamento realizado sobre o atual cenário da pesquisa em comunicação e saúde (C&S) no Brasil. Foi utilizado como base o diretório de grupos de pesquisa do CNPq nas Grandes Áreas *Ciências Sociais Aplicadas* e *Ciências da Saúde*, no qual foram localizados 9 grupos na Comunicação e 39 nas áreas ligadas à saúde. Observou-se que o surgimento da pesquisa ocorreu inicialmente na saúde, havendo uma intensa proliferação de grupos em ambas as áreas a partir dos anos 2000, com destaque para a sua presença na região sudeste. Prevalece a pesquisa desenvolvida nas universidades, em especial as públicas, com ênfase na articulação com a pós-graduação *stricto-sensu*, ainda que esta relação pouco se materialize sob a forma de cursos. No caso da saúde, observou-se a preponderância da articulação entre C&S nas áreas de enfermagem e saúde coletiva. Na comunicação, a saúde apareceu como um dos temas a serem investigados no âmbito de perspectivas diferenciadas: divulgação científica, processos de midiaticização, educação em saúde e estudos de mídia.

PALAVRAS-CHAVE: pesquisa; comunicação e saúde; diretório CNPq.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade (DT 6 Interfaces comunicacionais), XII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ e Doutora em Antropologia Social pelo IFCS/UFRJ. É pesquisadora do Laboratório de Pesquisa em Comunicação e Saúde do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica da Fundação Oswaldo Cruz, onde coordena o Observatório Saúde na Mídia. Faz parte do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde do ICICT/FIOCRUZ.

Introdução

Este trabalho tem como objetivo apresentar os resultados preliminares de um levantamento realizado sobre o atual cenário da pesquisa em comunicação e saúde (C&S) no Brasil. Foi utilizado como base para a coleta de dados o diretório de grupos de pesquisa do CNPq nas Grandes Áreas *Ciências Sociais Aplicadas* e *Ciências da Saúde*, utilizando as palavras-chaves “comunicação e saúde”, “comunicação em saúde”, “comunicação para saúde” e “comunicação da saúde”.

Ao se falar em comunicação e saúde estamos nos referindo à articulação entre dois campos sociais³ que apresentam configurações históricas particulares e que estabelecem entre si relações de naturezas variadas. Como aponta Araújo, “podemos observar hoje a formação de duas grandes tendências, marcadas predominantemente pelo lugar de onde falam seus agentes: uma que pensa e produz conhecimentos a partir do locus da saúde e outra cujo ponto de partida é a comunicação.” (ARAÚJO, 2004). Essa heterogeneidade refere-se não apenas ao olhar de um campo sobre o outro, mas varia segundo diferentes concepções teóricas, práticas e políticas vigentes no interior de cada campo e na multiplicidade de articulações entre seus agentes e instituições.

A história da relação entre esses campos remonta ao início do século passado⁴. A partir de então, observou-se ao longo das décadas diferentes iniciativas que envolviam tanto práticas específicas de comunicação, pautadas por determinadas concepções de saúde, como sua organização através de diferentes espaços institucionais. Pode-se dizer que, a despeito das variações, houve a preponderância de uma perspectiva de matriz transferencial que entendia a relação entre a comunicação e saúde como um processo de transmissão de

³ Estamos trabalhando com a noção de campo tal qual formulada por Pierre Bourdieu, que a define como um espaço estruturado de relações, no qual forças de desigual poder lutam para transformar e manter suas posições (BOURDIEU, 1989)

⁴ Segundo Cardoso, seu marco de institucionalização foi a criação, em 1923, do Serviço de Propaganda e Educação Sanitária, no interior do Departamento Nacional de Saúde Pública, ainda no contexto da chamada Reforma Carlos Chagas. Centrado na busca pela adesão da população às medidas preconizadas pelas autoridades voltadas para a higiene pessoal e pública, saúde da criança e da mulher gestante, trazia embutido em suas práticas uma forte associação com a educação. Ainda segundo a autora, “educar, higienizar e sanear eram as palavras de ordem, profundamente articuladas ao intenso debate sobre o projeto nacional”. (CARDOSO, 2001).

informações, no qual a comunicação “adequada” poderia contribuir para vencer a ignorância da população. Através da “boa” comunicação, entendida também sob o viés educativo, poder-se-ia superar o atraso e promover a saúde e o desenvolvimento.

A despeito da antiguidade dessas relações e dos diferentes contextos nos quais elas foram tecidas, poucos foram os trabalhos que problematizaram a formação deste campo e buscaram entender as suas especificidades. Ainda que tenhamos algumas importantes iniciativas, muito há para ser feito e, nesse sentido, justifica-se a pertinência deste trabalho.

Gostaria, por fim, de destacar a importância de se discutir os resultados preliminares desta pesquisa no âmbito de um encontro científico, em especial no GP Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade, uma vez que ele congrega alguns dos atores sociais envolvidos. Esse olhar qualificado poderá contribuir com novos dados e proporcionará o aprofundamento da discussão proposta, auxiliando inclusive na definição das etapas subsequentes de pesquisa.

Sobre o levantamento no diretório do Grupo de Pesquisa do CNPq

Ao se realizar o levantamento no diretório dos grupos de pesquisa do CNPq, os termos “comunicação e/em/para/da saúde” foram utilizados como frase exata no campo *Grande área do grupo*, selecionando dois descritores distintos: “Ciências Sociais Aplicadas” (que reúne Comunicação e também Administração, Arquitetura e Urbanismo, Ciência da Informação, Demografia e Desenho Industrial, Direito, Economia, Economia Doméstica, Museologia, Planejamento Urbano e Regional, Serviço Social e Turismo) e Ciências da Saúde (Educação Física, Enfermagem, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Medicina, Nutrição, Odontologia e Saúde Coletiva). Tais descritores foram privilegiados de modo a restringir o campo de busca diante de um universo muito mais amplo e se justificam por representarem as áreas nas quais se situam os termos específicos de nosso interesse (comunicação e saúde).⁵

⁵ Certamente obteríamos resultados importantes se consultássemos outras grandes áreas. Um bom exemplo é o caso das Ciências Humanas, onde está localizada a educação, que tradicionalmente esteve associada à comunicação nas práticas ligadas à saúde. No entanto, devido a limitações de tempo e espaço, optou-se por fazer uma busca mais focada.

No caso das ciências sociais aplicadas, foram obtidos inicialmente 25 resultados, sobre os quais utilizamos um novo filtro de busca de modo a obter apenas os grupos referentes à área predominante “Comunicação”. Do novo resultado obtido (10 grupos), foram descartados aqueles que, embora localizados através dos descritores “comunicação e/em/de/para saúde”, não explicitaram nenhuma vinculação com o termo saúde, seja no título, nas linhas de pesquisa ou no campo descritivo que aparece na página inicial. Assim, restaram 9, os quais serão posteriormente analisados.

No caso das Ciências da Saúde, optou-se por manter a busca nas diferentes áreas predominantes pois, diferente do que ocorria na Comunicação, todas elas representavam alguma dimensão da saúde. Isso gerou um resultado de 80 grupos, sobre os quais realizamos um segundo procedimento de filtragem semelhante ao anterior, descartando aqueles que não apresentaram uma vinculação com o outro termo de nosso interesse - neste caso, a comunicação. Obtivemos ao final 39 grupos, que serão incorporados em sua totalidade.

Antes de dar início à análise, caberia fazer um último comentário. O diretório do CNPq foi criado em 1992, o que implica dizer que os grupos encontrados representam aqueles que se cadastraram a partir daquele momento. É possível que tenha havido grupos cuja criação e extinção foram anteriores a 1992, ou mesmo que foram cadastrados depois deste ano mas foram extintos em algum momento sem deixar registro nessa base. Esses dados não são passíveis de recuperação através desta forma de busca e trazem impactos na precisão histórica sobre o surgimento e organização da pesquisa em Comunicação e Saúde. Apesar destes limites, acreditamos que os dados aqui levantados proporcionarão uma visão consistente, ainda que aproximada, do passado e, mais ainda, um cenário valioso sobre o momento presente.

Caracterização geral dos grupos de pesquisa

Embora a grande área “Ciências Sociais Aplicadas” reúna um número bem maior de áreas predominantes do que as “Ciências da Saúde” – a primeira reúne 13, a segunda, 9 – esta última revelou uma presença muito maior de grupos que articulam os campos da Comunicação e Saúde: 25 e 80, respectivamente. Essa preponderância se mantém após

retirarmos os grupos que não apresentam uma vinculação explícita de C&S: 9 e 39. Neste caso parte da explicação encontra-se no fato de que estamos verificando essa relação apenas na comunicação, enquanto nas Ciências da Saúde reunimos um número maior de áreas predominantes.

Poderíamos afirmar que essa presença não apenas é mais recorrente nas Ciências da Saúde como ocorre há mais tempo. Nesse último caso, identificamos a formação de grupos já nas décadas de 1980 e 1990 (ver tabela 1), como, por exemplo, “Estudo e Pesquisa sobre Comunicação em Enfermagem”, criado em 1987 na Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (USP) e “Comunicação em Saúde”, surgido em 1996 no Departamento de Enfermagem da Faculdade de Medicina da Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita filho, ambos no estado de São Paulo. Cabe ainda mencionar um terceiro (“Enfermagem e Comunicação”, da Escola de Enfermagem da USP/Ribeirão Preto, SP) que, embora tenha sido cadastrado em 2000, sua origem indiretamente remonta a 1986, pois trata-se de um desdobramento do “Grupo de Investigação sobre Comunicação Enfermeiro-Paciente”, criado naquela data. Em contrapartida, o primeiro grupo de Comunicação e Saúde das Ciências Sociais Aplicadas somente surgiria em 2002, o “Grupo de Pesquisa Mídiação das Práticas Sociais”, vinculado à Universidade do Vale do Rio dos Sinos⁶.

Será justamente nesta década que o perfil das duas grandes áreas se aproximará: em ambos os casos a maior parte dos grupos foi criada entre 2000 e 2009. Nas Ciências da Saúde, 28 dos 39 grupos identificados surgiram neste período, o que representa 71,80% do total; no caso da área de comunicação das Ciências Sociais Aplicadas observamos um percentual ainda maior, 100%, como se observa na tabela 1:

Tabela 1: Formação dos grupos por década

Anos	Ciências da Saúde		Ciências Sociais Aplicadas/Com.		Total	
	No.	%	No.	%	No.	%
1980-89	3	7,69	0	0	3	6,25
1990-99	5	12,82	0	0	5	10,41

⁶ Este grupo tem como líder Antônio Fausto Neto, pesquisador que já abordava temas da C&S desde os anos 1980 na Escola de Comunicação da UFRJ, especialmente sobre a “histórica midiática da Aids no Brasil” (FAUSTO NETO, 2007: 200).

2000-09	28	71,80	9	100,00	37	77,09
2010-12	3	7,69	0	0	3	6,25
Total GTs	39	100,00	9	100,00	48	100,00

Certamente a compreensão aprofundada desses dados requer uma investigação mais detalhada sobre seus contextos específicos – tanto do campo da comunicação como o da saúde – assim como do contexto da produção acadêmica no país. No entanto, ainda que iniciais, eles são úteis no sentido de visualizar o processo de constituição do campo, revelando uma clara intensificação do debate nos últimos anos.

No que diz respeito à localização, observa-se de forma geral uma predominância da região sudeste: um terço dos grupos de Comunicação das Ciências Sociais Aplicadas é oriundo dessa região, o que no caso das Ciências da Saúde se dá de forma ainda mais acentuada: quase dois terços (59%). Não é surpresa que, dentre os estados brasileiros, São Paulo e Rio de Janeiro representem os de maior concentração de pesquisa, reproduzindo no plano da organização acadêmica as desigualdades existentes na economia e na política. No entanto, se essa concentração no sudeste é bastante acentuada nas Ciências da Saúde, o mesmo não ocorre nas Ciências Sociais Aplicadas/Com. Observa-se uma distribuição mais equilibrada entre as demais regiões (33% no CO, igualando o número do SE, 22% no Sul e 11% no NE), com exceção na região Norte, que não apresentou um grupo sequer. No caso das Ciências da Saúde, excetuando a polarização inicial, o restante das regiões apresenta uma presença relativamente bem distribuída de grupos (15% no Sul, 13% no Nordeste e 8% no Centro-Oeste). Novamente, a região Norte apresenta a menor prevalência.

Tabela 2: Grupos de pesquisa de Ciências Sociais Aplicadas/Com. segundo estado e região

Região	Estado	No. por estado	No. por região	% Total
Norte	-	0	0	0
Nordeste	RN	1	1	11%
	RJ	2		
Sudeste	SP	1	3	33%
	DF	1		
Centro Oeste	MS	1	3	33%
	MT	1		
	PR	1		
Sul	RS	1	2	22%
TOTAL	TOTAL	9	100%	100%

Tabela 3: Grupos de pesquisa de Ciências da Saúde segundo estado e região

Região	Estado	No. por estado	No. por região	% Total
Norte	AM	2	2	5%
Nordeste	BA	2		
	CE	2	5	13%
	PE	1		
Sudeste	MG	3		
	RJ	8	23	59%
	SP	12		
	DF	2		
Centro Oeste	GO	1	3	8%
	SC	4		
Sul	RS	2	6	15%
TOTAL	TOTAL	39	39	100%

No que diz respeito ao seu perfil institucional, observa-se em ambas as áreas a articulação ensino-pesquisa, uma vez que os grupos são, em quase a sua totalidade, ligados a universidades (87,5% - ver tabela 4). Essa característica provavelmente deve-se à própria estruturação do ensino no país, que privilegia a articulação entre essas duas esferas, o que implica no estímulo aos professores para participarem de atividades de pesquisa, mediante a extrema valorização de publicação de *papers* científicos, participação em editais de fomento etc. No entanto, é interessante assinalar que, embora nitidamente vinculada à estrutura de pós-graduação, a pesquisa sobre o campo da comunicação e saúde encontra pouca tradução formal nos espaços de ensino, como sua materialização em cursos *stricto* ou *lato sensu* sobre o tema, ainda bastante escassos.

A título de ilustração, cabe mencionar que a primeira experiência de pós-graduação *stricto sensu* foi criada em meados de 2003. Trata-se do Mestrado Profissional Gestão da Informação e Comunicação em Saúde, do então Centro de Informação Científica e Tecnológica em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz, o qual apresentou uma única edição (BANCO DE DADOS MEMÓRIA DO ENSINO DO ICICT). Somente cinco anos depois surgiria uma experiência mais duradoura, o Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação em Saúde, na mesma instituição⁷. No que diz respeito aos cursos de especialização, há também poucas iniciativas, ainda que mais numerosas. A Fundação Oswaldo Cruz ofertava desde 1993 cursos de Comunicação e saúde, inicialmente na modalidade aperfeiçoamento e posteriormente especialização (2004). Cabe mencionar também os cursos realizados no Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia e o curso de especialização em Comunicação e Saúde da Escola de Gestão Social em Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, não mais em atividade.

As instituições aos quais o grupos estão vinculados são tanto públicas como privadas, ainda que com esmagadora maioria das primeiras – apenas 2 faculdades eram privadas nas Ciências Sociais Aplicadas/Com. (Universidade do Vale do Rio dos Sinos e Centro Universitário de Maringá), e das Ciências da Saúde identificamos 4 (Universidade do Sul de Santa Catarina, Universidade de Uberaba, Universidade do Vale do Itajaí e Universidade para o Desenvolvimento do Alto do Itajaí). No caso das públicas, preponderam os grupos ligados às universidades federais: nas Ciências Sociais

⁷ Cabe obviamente ressaltar que isso não significa que não houvesse núcleos de grande expressão que produzissem trabalhos sobre o tema. O grande exemplo é a linha de pesquisa intitulada “Comunicação Científica da Saúde” desenvolvida por Isaac Epstein no departamento de pós-graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo, UMESP, no período de 1998 a 2009. Dela surgiram importantes pesquisadores para o campo (MARCOLINO e FRANCO, 2012).

Aplicadas/Com. temos a UFRN, UFMS, UFMT e UnB e nas Ciências da Saúde encontramos uma grande pulverização entre as universidades federais de todo país, sendo a única exceção a USP, que sozinha representa um quarto das 24 instituições encontradas. Em seguida temos 8 universidades estaduais, das quais se destacam a UERJ e a UNESP, ambas presentes nas duas grandes áreas. Por fim, foram identificadas, ainda que em menor quantidade, as fundações, em especial a Fundação Oswaldo Cruz, que representa quase a totalidade dos grupos de Comunicação e Saúde neste setor. Ainda que o diretório do CNPq também comporte grupos ligados a institutos tecnológicos, laboratórios de pesquisa e desenvolvimento de empresas estatais ou ex-estatais e a organizações não-governamentais com atuação em pesquisa, nenhuma dessas categorias foi identificada no levantamento realizado.

Tabela 4: Grupos de pesquisa segundo tipos

Tipo		Ciências da Saúde		Ciências Sociais Aplicadas/Com.		TOTAL	
		No.	%	No.	%	No.	%
Públicas	Federais	24	61,55	4	44,45	28	58,33
	Estaduais	6	15,38	2	22,22	8	16,67
	Fundações	5	12,82	1	11,11	6	12,50
Privadas		4	10,25	2	22,22	6	12,50
TOTAL		39	100,00	9	100,00	48	100,00

Grupos de Pesquisa das Ciências da Saúde: algumas considerações

Dos 39 grupos identificados nas Ciências da Saúde, a área predominante que mais se destacou foi a Enfermagem, representando pouco mais de um terço (15 grupos), seguida da Saúde Coletiva, na qual encontramos o outro terço dos grupos (13). Observamos entre os demais uma leve preponderância da Medicina (5), sendo o restante pulverizado, como identificamos na tabela abaixo:

Tabela 5: Áreas predominantes das Ciências da Saúde

Área	No.	%
Enfermagem	15	38,46
Saúde Coletiva	13	33,33
Medicina	5	12,83
Educação Física	2	5,14
Nutrição	1	2,56
Fonoaudiologia	1	2,56
Fisioterapia	1	2,56
Odontologia	1	2,56
TOTAL	39	100,0

Um primeiro ponto que chama a atenção na análise dos grupos é a clara diferenciação no grau de centralidade que a comunicação, enquanto tema e questão, apresentava para eles. Havia casos em que embora se constituísse uma linha de pesquisa, ou mesmo estivesse presente na descrição das atividades da equipe, ela nitidamente representava uma entre várias questões igualmente relevantes. Em outros, ao contrário, assumia uma configuração estruturante, o que ocorreu em 14 dos 39 grupos inicialmente identificados (aos quais, doravante, denominaremos “grupos específicos” das Ciências da Saúde). Essa distinção em alguma medida se expressava na forma como eles incluíam o termo “comunicação” simultaneamente (ou quase) no título, nas linhas de pesquisa e no campo descritivo da página inicial. A partir destes critérios chegamos à lista abaixo, sobre a qual nos deteremos a seguir.

Tabela 6: Títulos e líderes dos grupos específicos de Ciências da Saúde

Título do Grupo	Líderes
Estudo e Pesquisa sobre Comunicação em Enfermagem	Maria Julia Paes da Silva e Luciane Lúcio Pereira
Comunicação em Saúde	Maria Lucia Araujo Sadala
Comunicação e Saúde	Inesita Soares de Araújo e Kátia Lerner
Enfermagem e Comunicação	Emilia Campos de Carvalho e Maria Celia Barcellos Dalri
Informação e Comunicação em Saúde	Maria Helena Baena de Moraes Lopes (líder)
Comunicação Científica em Saúde Pública	Angela Maria Belloni Cuenca e Helene Mariko Ueno
Planejamento e Gestão em Saúde	Elizabeth Artmann e Francisco Javier Uribe Rivera
Comunicação e Mídia na Educação Física e no Esporte	Marli Hatje Hammes
Estudos em Comunicação e Saúde	Marileda Cattelan Tomé
Tecnologia, cultura e comunicação em Saúde e em Enfermagem (TECCSE)	Cristina Arreguy-Sena e Paulo Ferreira Pinto
Comunicação, Saúde e Educação	Antonio de Padua Pithon Cyrino e Eliana Goldfarb Cyrino
Grupo de Estudos e Pesquisas em Informação e Comunicação em Saúde Coletiva	Ana Valéria Machado Mendonça
Laboratório de Redes Integradas e Inteligentes de Sistemas de Saúde (LARIISA)	Luiz Odorico Monteiro de Andrade e Antonio Mauro Barbosa de Oliveira

Cuidado, Tecnologia, Reabilitação e Comunicação em Saúde (CTRECS)	Rosamary Aparecida Garcia Stuchi e Danielle Sandra da Silva de Azevedo
--	--

A lista acima nos revela a manutenção da recorrência das áreas predominantes, com uma ligeira alteração (o empate entre as primeiras): 6 de Enfermagem, 6 de Saúde Coletiva, 1 de Fonoaudiologia e 1 de Educação Física. Nesta nova categorização somem os grupos da Fisioterapia, Medicina, Nutrição e Odontologia, revelando as áreas em que, de fato, encontramos uma relação mais orgânica entre esses dois campos.

Dos grupos específicos encontrados na área da Enfermagem foi possível identificar algumas características preponderantes, dentre as quais se destaca a forte associação entre comunicação e educação. Caberia, no entanto, qualificar por que educação esses grupos se interessam. A análise dos dados revela linhas de pesquisa ou atividades nas quais esta prática é vista como algo visando a:

- a) Eficácia da *prevenção*, na medida em que proporcionaria ao paciente informações adequadas sobre doenças, tratamentos e assim por diante. Esta educação seria destinada à “população leiga”. Em alguns casos a questão da “promoção” da saúde é explicitada;
- b) Aprimoramento do *cuidado*, ou seja, como forma de promover “relações terapêuticas” entre a equipe, os pacientes e seus familiares. Os grupos que trazem esta perspectiva revelam forte preocupação com a comunicação interpessoal, e os “problemas de comunicação” decorrentes das relações entre os atores envolvidos no processo terapêutico.
- c) Desenvolvimento de *material educativo*. Embora se aproxime do primeiro item, aqui a diferença é o forte acento na vertente tecnológica, em especial pela tecnologia computacional e internet.

Em muitos casos observados fica explícita uma concepção instrumental da comunicação, na qual um dos objetivos principais é alcançar “mudança de comportamento”. Certamente esse ponto merece um aprofundamento posterior, na medida em que ele remete, a princípio, a uma perspectiva teórica pautada nas correntes informacionais. Cabe mencionar outras expressões presentes que ilustram esse ponto, tais como “uso da comunicação decodificada na educação em saúde para a população leiga”, “identificação de entraves na comunicação entre estes elementos e o emprego de estratégias para minimizar problemas comunicacionais”, remetendo à ideia de “ruído”, próprio das perspectivas desta vertente.

Vale ainda ressaltar em alguns (poucos) grupos a preocupação de articular comunicação e cultura, como se observa no grupo “Tecnologia, cultura e comunicação em Saúde e em Enfermagem”. Seu objetivo é “identificar problemas e planejar intervenções culturalmente adequadas e divulgadas comunicacionalmente que propiciem o desenvolvimento humano e o processo de cuidar em saúde e em enfermagem”. A descrição de sua linha caracteriza-o como um elemento importante que auxilia a compreender os processos comunicacionais; entre seus objetivos se encontra a “busca por recursos, tecnologias e procedimentos técnicos e comunicacionais adaptados à cultura e à fase do desenvolvimento humano na perspectiva do indivíduo, da família, do cuidador, da sociedade e do profissional de saúde”.

No que diz respeito aos grupos que se cadastraram como Saúde Coletiva, identificamos, em contraste com os anteriores, uma grande heterogeneidade tanto na forma como concebem o processo comunicacional como nas suas práticas. O grupo “Comunicação, Saúde e Educação”, a exemplo do que se identificou na área da Enfermagem, tem na educação um eixo central, como expressa seu nome. Novamente a ênfase é no *cuidado* (aqui qualificado como *auto-cuidado* e vinculado a doenças, especialmente as crônicas, como diabetes mellitus) e também há um forte acento tecnológico, indicado pela linha que visa o uso das novas tecnologias de informação e comunicação na educação em saúde.

A questão da tecnologia também se faz presente de forma intensa em outros dois grupos, um voltado à inclusão digital de Agentes Comunitários de Saúde (“Grupo de Estudos e Pesquisas em Informação e Comunicação em Saúde Coletiva”) e outro que se dedica a desenvolver “uma plataforma capaz de integrar dados e fornecer inteligências de governança na tomada de decisão na saúde a partir de informações coletadas/enviadas prioritariamente nas residências (...) tratadas por mecanismos eficientes de gestão do conhecimento” . Para tal, propõe criar um cinturão digital conectando todos os atores do sistema, tendo como elemento central a TV Digital (LARIISA).

Uma outra articulação encontrada foi entre a Comunicação e a História. O grupo já citado (“Grupo de Estudos e Pesquisas em Informação...”) relata como uma de suas atividades centrais a recuperação do acervo audiovisual dos 20 anos do Sistema Único de Saúde, projeto realizado com financiamento do Ministério da Saúde. Ainda esse mesmo grupo realiza o Projeto Jornadas do Conhecimento, voltado para a discussão de processos de informação e comunicação no âmbito da atenção primária em saúde.

A dimensão da gestão também se faz presente, em especial no grupo “Planejamento e Gestão em Saúde”. A partir da concepção habermasiana de Comunicação, busca repensar as organizações sociais e da saúde, em especial

“a adaptação de métodos de planejamento estratégico, gestão hospitalar e de construção de cenários aplicados à definição de objetivos de organizações e sistemas de saúde, à formulação de diretrizes e políticas para estes sistemas ou programas, bem como à formulação de estratégias de reorganização de programas de pós-graduação acadêmica; - estudos/análises culturais em organizações com o objetivo de buscar subsídios para o processo de gestão das mesmas; - análise do impacto da situação contratual da rede vinculada ao SUS e dos contratos de gestão hospitalar de Hospitais Universitários sobre os mecanismos de planejamento interno e de avaliação e prestação de contas; - análise das possibilidades do processo de regionalização sanitária instituído a partir da NOAS, no Brasil e outras diretrizes, em outros países; - contribuição na produção de softwares de planejamento estratégico aplicados ao setor saúde considerando a análises prospectivas; - desenvolvimento de marco teórico e de instrumentos de trabalho no campo das organizações como sistemas linguísticos.”(DIRETÓRIO DO CNPQ)

Uma outra dimensão encontrada foi a perspectiva da divulgação científica. Veremos mais adiante sua presença nas Ciências Sociais Aplicadas (evidenciaremos na área da comunicação, mas é também tradicionalmente reduto da ciência da informação), e aqui foi identificado o grupo que a descreve como “a comunicação formal e informal entre cientistas, assim como a comunicação científica para o público leigo”.

Há ainda o grupo “Comunicação e Saúde”, voltado ao desenvolvimento de metodologias de planejamento e avaliação em comunicação e saúde, bem como à realização de pesquisas sobre políticas, estratégias e práticas de comunicação, tanto no âmbito de instituições como da grande mídia. Esse interesse na análise sobre mídia também é encontrado no grupo “Comunicação e Mídia na Educação Física e no Esporte”, da área predominante Educação Física, cujo objetivo é “analisar os processos comunicacionais e midiáticos que determinam, influenciam ou direcionam as atuais instituições sociais e, por consequência, a opinião pública sobre a educação física e o esporte”.

Por fim, cabe mencionar o grupo ligado à Fonoaudiologia (“Estudos em Comunicação e Saúde”), voltado para a reflexão sobre as relações de comunicação “na formação profissional, nas redes sociais, o ambiente de trabalho e a participação comunitária”, bem como investigar como a comunicação influencia na identidade como profissional e como cidadão.

Grupos de Pesquisa da Comunicação (Ciências Sociais Aplicadas): algumas considerações

No que diz respeito aos grupos de pesquisa das Ciências Sociais Aplicadas, é interessante observar que a apropriação que a comunicação faz das questões da saúde apresenta contornos bastante distintos. Antes de detalhar as questões levantadas, caberia apresentar a tabela com os grupos identificados e seus respectivos líderes:

Tabela 7: Títulos e líderes dos grupos específicos das Ciências Sociais Aplicadas

Título do Grupo	Líderes
Midiatização das Práticas Sociais	Antonio Fausto Neto e Pedro Gilberto Gomes
Mídia, Educação e Cultura - Imagens e Espaços Populares de Mídias Contemporâneas, Indústria Cultural e Educação Audiovisual (METACOM)	Angela de Faria Vieira e Walter Ferreira de Oliveira
Ciência, Comunicação & Sociedade	Luisa Medeiros Massarani e Ildeu de Castro Moreira
Mídias Ambientais e Divulgação Científica	Greicy Mara França
Núcleo de Estudos Comunicação, Infância e Juventude	Benedito Dielcio Moreira
Comunicação Comunitária e Cidadania	Fernando Oliveira Paulino
Comunicação no Ambiente Digital (COMAMDI)	Ana Paula Machado Velho e Sônia Cristina Soares Dias Vermelho
Idosomídia	Pedro Celso Campos
Pragmática da Comunicação e da Mídia: teorias, linguagens, indústrias culturais e cidadania (PRAGMA)	Itamar de Moraes Nobre e Juciano de Sousa Lacerda

Um primeiro ponto a ser destacado refere-se à sua heterogeneidade, presente de forma ainda mais acentuada do que foi observado nas Ciências da Saúde. Dentre as questões abordadas, destacam-se:

a) Divulgação científica - presente em duas experiências nas quais os meios de comunicação de massa (jornais, internet, televisão, cinema etc.) apresentam papel de destaque e a saúde aparece como um dos temas vinculados à ciência;

b) Educação em saúde – a partir da perspectiva de Paulo Freire e do que é conceituado como “educação social”, identificamos uma linha de pesquisa cujo objetivo é o

“Rastreamento de programas públicos e privados de incentivo de uma ecologia da saúde Social; mapeamento da diversidade de conceitos e ações continuadas a representar o real: uma operatividade de notícias, informações e imagens construindo uma polifonia contemporânea via mídias sobre saúde social educativo-cultural complexidade de modos representativos, éticas praticadas e entretenimento como prisma lúdico na elucidação da sociedade acerca do tempo no qual vive”.

c) Mídiação - entendida como a crescente presença da cultura midiática em práticas sociais diversas, em especial no âmbito da produção da notícia. A saúde aparece como uma das instâncias de investigação no processo de mídiação;

d) Estudos de mídia – aqui a mídia é investigada a partir de recortes temáticos específicos, como juventude (da qual a saúde apresenta um subtema, ligado à promoção da saúde entre jovens), idosos e meio ambiente (tema que aparece com destaque entre os grupos).

Percebe-se portanto não apenas uma grande fragmentação das abordagens mas também o lugar que a saúde ocupa. Sua presença é revelada como um tema, muitas vezes secundário, e arriscaríamos dizer que, pelo menos no que foi visto pelos títulos e descrições, apresenta pouco diálogo com as questões caras ao campo da saúde, sendo a exceção a questão da promoção, que aparece mencionada em dois grupos .

Um outro ponto de destaque diz respeito ao fato de que a comunicação não se configura exclusivamente como um campo de investigação, mas também como espaço de prática social. Em vários grupos encontramos propostas de atuação, como a criação de agências de notícias (ex.: *Ciência e Notícia*, *Megafone*), exposições, sites e assim por diante. Por fim, cabe mencionar a vinculação dos grupos com a dimensão do ensino. Aqui também se identifica a relação com os programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, no entanto, há a significativa presença das atividades de extensão, mencionadas pelos grupos *Comunicação no Ambiente Digital* e *Comunicação Comunitária e Cidadania*.

Conclusão

O objetivo deste trabalho foi apresentar uma caracterização inicial do cenário de pesquisa da comunicação e saúde no país. Observamos que, embora as relações entre esses campos remontem ao início do século passado, o estabelecimento da pesquisa é muito recente.

Identificou-se que a estrutura de produção científica está prioritariamente centrada nas universidades públicas – em especial do sudeste - com forte predominância nos cursos de pós-graduação. Mesmo em relação à consolidação desses programas no país, a constituição da pesquisa em C&S ocorre em um momento bastante posterior. Os programas citados foram em geral criados a partir dos anos 1970; no entanto, a proliferação dos grupos se dá apenas a partir dos anos 2000. Ainda que a pesquisa tenha crescido de forma significativa, ela permanece tendo pouca tradução sob a forma de cursos.

Observamos atualmente uma grande heterogeneidade de perspectivas teórico-metodológicas, práticas e temas. No caso da saúde, observou-se a preponderância da articulação entre C&S nas áreas de enfermagem e saúde coletiva; na comunicação, a saúde apareceu como um dos temas a serem investigados no âmbito de perspectivas diferenciadas: divulgação científica, processos de midiaticização, educação em saúde e estudos de mídia.

Cabe mencionar a permanência da articulação da comunicação e saúde com a educação nos grupos das duas áreas, o que, como foi dito anteriormente, provavelmente está vinculado a uma relação histórica entre esses campos. Essa continuidade também pode ser identificada em uma perspectiva da comunicação/ educação como mudança de comportamento. Um outro tema presente, embora menos do que a expectativa inicial, foi a presença da tecnologia como objeto de estudo - em especial na área da comunicação.

Esses são alguns dos resultados obtidos, os quais, como foi dito, devem ser posteriormente amadurecidos. O debate entre os pares representa uma etapa fundamental nesse processo.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, I. Os muitos sentidos da comunicação e saúde, **Interface** (Botucatu), vol.8 no.15 Botucatu Mar./Aug. 2004

BOURDIEU, P. **O Poder simbólico**. Lisboa: Ed. Difel, 1989

CARDOSO, J. **Comunicação, saúde e discurso preventivo**: reflexões a partir de uma leitura das campanhas nacionais de Aids veiculadas pela TV (1987-1999). 2001. 212 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001

MARCOLINO, E. e FRANCO, F. “As contribuições de Isaac Epstein para o campo da comunicação social”. In: BARBOSA, M. e SACRAMENTO, I. **História da comunicação no Brasil**. (no prelo)

FAUSTO NETO, A. Saúde em uma sociedade midiaticizada. **Revista Eco-Pós**, v.10, n.1, jan-jul, Rio de Janeiro: E-Papers, 198-205, 2007

BANCO DE DADOS MEMÓRIA DO ENSINO DO ICICT